

# CLARICE LISPECTOR POR MÚLTIPLAS LINGUAGENS

(CLARICE LISPECTOR BY MULTIPLE LANGUAGES

**Rodrigo da Costa Araujo**  
UFF/FAFIMA

O elegante livro *Interfaces estéticas em Clarice Lispector* (2010), de Maria Eugênia Curado já confessa, antecipadamente, pelo título/paratexto que carrega, a leitura da poética de Clarice Lispector (1925-1977) por diversos viéses. Especificamente pelas correspondências e transformações entre literatura, artes plásticas e cinema.

O prefácio - “A expressão do mundo por múltiplas linguagens” -, de Olga de Sá que apresenta a obra revela as sutilizações e as aproximações que Maria Eugênia faz dos aspectos visuais da escritura de Clarice Lispector e das contribuições para as análises do signo não verbal.

Dessas aproximações surgem leituras não lineares e que, por isso mesmo, exigem do intérprete uma capacidade de se expressar e de colher a dialogia entre signos, permitindo, segundo Olga de Sá, a percepção dialética que se estabelece entre idas e vindas do texto e da leitura. Em tal dialogia, surge a possibilidade de estabelecer a relação entre o texto visual e o não verbal a partir do questionamento de um mundo visto e expresso além da superfície.

O livro, em sua estrutura, divide-se em cinco partes. A primeira - que explica as possibilidades de correspondências entre linguagem verbal e não verbal - é a porta de entrada de leituras imbricadas entre signos.

A segunda e terceira partes centram-se no surrealismo em Clarice Lispector e das relações com pintor belga René Magritte (1898-1967). Nestes capítulos são desenvolvidos o percurso histórico da poética surrealista, apontando semelhanças com a poética clariciana. Destacam-se, desse jogo criativo de aproximações poéticas, as metáforas insólitas, o processo metonímico do texto, o fluxo de consciência e a ruptura com o enredo factual, além do caráter incomum e enigmático da prosa de Clarice.

Feito Clarice, movimentos semelhantes são verificados em Magritte. Suas telas fundem, por vezes, de forma explícita, o desejo de filosofar a representação e a busca de uma imagem que revele os problemas do representado. O pintor belga “pintograma” os problemas da linguagem, do objeto e do interpretante, revelando a nossa precipitada noção de leitura, normalidade perceptiva e linearidade estética.

O quarto e quinto capítulos privilegiam as aproximações no último romance da escritora e na transcrição fílmica de Suzana Amaral. A estudiosa aponta como as páginas do romance *A Hora da Estrela* se converte-

ram em cenas, recortes os quais a cineasta imprimiu leituras especulares, presentes tanto no texto de Clarice quanto na pintura de Magritte.

A obra, de certa forma, é um exercício de leitura centrado, ludicamente, nos códigos verbal e imagético. Magritte, como Clarice, filosofa por imagens e suas telas questionam, em geometrias, formas e cores, a vertigem da leitura superficial do cotidiano que torna óbvio o que é, na verdade, codificado. Clarice, feito o pintor belga, aponta não apenas para o onírico na ficção, mas quer pensar por imagens a ilusão que a leitura dos signos nos provoca. Suzana Amaral (re)lê em Clarice o impossível de presenciar, de conduzir e, mais ainda, de traduzir. Instiga, de certa forma, as inquietudes da linguagem e do livro para a tela. A crítica, por sua vez, desconstrói as concepções canônicas acerca do texto (verbal e não verbal), aponta para a brincadeira com a linguagem, para o prazer da semiose e dos jogos intertextuais.

Enfim, o estudo está organizado de forma a compor um quadro amplo das relações/correspondências entre os textos e sobre os diferentes modos de realização dessas aproximações, para desembocar na poética clariciana, cujo título do livro já explicita o olhar dialógico, isto é, uma das vertentes da rede de relações entre textos e linguagens, objeto do estudo fundamentado pela semiótica de Peirce.

*Interfaces estéticas em Clarice Lispector* é, em muitos sentidos, mais que uma leitura crítica, um elogio das fricções. Por meio de aproximações e da delicada sintaxe visual, projeta a poética clariciana irradiada sobre a circulação dos diversos fragmentos, dando visibilidade incomum, rara entre nós, ao diálogo intertextual entre as artes. Essa cartografia visual e afetiva, então, desenhada e mapeada por Maria Eugênia Curado repercute, para o leitor/espectador, em respostas que se abrem para outras indagações. Por isso, teoria crítica, objeto de estudo e valorização da prosa clariciana se unem neste ensaio de forma a estabelecer bases para uma leitura perspicaz e mais atualizada da literatura e de outras linguagens da arte.

